

Quatro testemunhos dos novos sacerdotes

Um biólogo sevilhano, um médico da Austrália, um engenheiro brasileiro e um cientista italiano são alguns dos 34 sacerdotes ordenados pelo Prelado do Opus Dei. Estes são os seus testemunhos.

02/06/2006

Alfonso Sánchez (Sevilha): O mar é surpreendente, maravilhoso, desconhecido... como a fé”.

Alfonso Sánchez de Lamadrid, sevilhano de 45 anos, trabalhou durante 15 anos no mar. Biólogo e doutor em ciências marítimas, estudou o ecossistema da baía de Cádiz e a costa andaluza.

Durante temporadas no mar alto, analisou o comportamento de espécies como a dourada, a anchova, a sardinha, o lagostim ou a azevia. “O mar é um mundo muito atractivo, inclusive para nós, os especialistas na natureza marinha, sabemos ainda muito pouco do seus mistérios. No barco, afastado da costa, descobres que o mar é um espaço surpreendente, enorme. Não nos podemos fazer ideia do que contém!”.

A mensagem de São Josemaria de encontrar a Deus no trabalho ordinário, ajudou Alfonso Sánchez a reflectir sobre Deus: “Aquele mar em que trabalhava era surpreendente,

maravilhoso e desconhecido” Pára. E continua: “É como a fé. Cremos que conhecemos a Deus, mas enquanto mergulhamos um pouco, enquanto o tratamos e nos começamos a fazer perguntas, descobrimos todo um mundo novo, inabarcável”.

Alfonso realizou os estudos de Teologia prévios para o sacerdócio em Roma. Agora, recorda os seus anos de Andaluzia: “É uma terra na que Deus está especialmente presente: Como em todas as partes, os andaluzes também têm sede de Deus. Somos gente de coração, assim, ainda os que têm o Senhor mais esquecido, são incapazes de esconder esse pouquinho de fé”.

**Luca Fantini (Génova):
Assombrado com a ciência,
abandonou a fé. Agora é sacerdote.**

É Engenheiro Electrotécnico pela Universidade de Génova, mas Luca Fantini (Génova 1972) é primeiro do

que tudo um cientista, apaixonado pela astronomia e pela física. Nos anos universitários, também leu muita filosofia. “Assombravam-me os descobrimentos modernos científicos a tal ponto que me parecia que a fé tinha ficado totalmente superada por eles. Por isso, embora tenha sido educado na religião, abandonei a prática”, diz o sacerdote.

No primeiro ano do curso, “enquanto lia um livro de Freud –assim faz Deus as coisas-, pensei que tinha que fazer alguma coisa pelos outros. Faltava-me algo na vida, e era estranho, porque jamais tinha sentido essa necessidade. Aquele mesmo dia, de tarde, telefonou-me um amigo meu para me contar que ia passar uns dias a acompanhar crianças com o síndrome de Down, em Portugal. Era uma actividade organizada por pessoas do Opus Dei. Asseguraram-me que cada um era livre de participar nos actos religiosos

daqueles dias, e eu assisti a todos por respeito”.

“Mas o que me mudou foi o ambiente. Ali, entre aquela gente, existia a mesma alegria que entre os meus amigos e amigas de Génova mas... com algo mais. Gostava da liberdade com que faziam as coisas, a profundidade com a que afrontavam as mais vulgares. Recordo a serenidade com que um enfrentou a perda dum familiar. Perguntei-me, eu, como teria reagido?”, continua.

“De regresso a Itália, conheci outras pessoas do Opus Dei, bons profissionais, bons cientistas, que não encontravam incompatibilidade entre o trabalho e a fé. É mais, eu via que ao estarem abertos à fé, a sua atitude para com a realidade era mais completa, mais sincera, mais exigente. Admiti que, até então a minha formulação tinha sido muito superficial”, diz Luca.

Com o tempo, “voltei à prática da fé. Mas o meu “regresso” -especificamente não foi um processo puramente intelectual. Foi o início de uma nova amizade, de uma intimidade pessoal com Deus”.

Agora que é sacerdote, continua a cultivar o seu gosto pela ciência, porque “as verdades da ciência não têm porque ser incompatíveis com as verdades da fé: umas apoiam as outras, são complementares”.

Amin Abboud (Sydney): “Austrália é um país livre, sem preconceitos, aberto plenamente a Deus”

Amin John Abboud, australiano de 41 anos, trabalhou como médico no *Repatriation General Hospital Concord* (Sydney, Austrália), depois de se ter licenciado na Sydney University. Como médico, aprendeu grandes lições dos seus doentes.

“Recordo que um dia deixei o meu carro estacionado junto ao hospital. Ao voltar, vi que alguém tinha arrancado o pára-choques e o tinha deixado sobre o capot. ‘Havia uma nota no para-brises que dizia: “Foi uma carrinha, que se foi sem dizer nada. Os seus dados são... Posso testemunhar se o deseja’ E assinava. A nota tinha sido escrita pela mãe dum menino com Síndrome de Down que nessa mesma manhã tinha vindo ao hospital por uma urgência do seu filho. Aquilo fez-me pensar que as pessoas que sofrem a doença dum familiar, são as que se preocupam mais pelos outros”.

Amin ocupou-se também de idosos com alzheimer e de presos. “O meu primeiro dever era atendê-los profissionalmente, se se apresentava a ocasião, sugeria-lhes que encontrassem refúgio na fé.” A antropologia cristã foi fundamental no trabalho deste médico, agora

sacerdote: “No curso explicavam-nos, sem argumentos religiosos, como preparar uma pessoa perante a morte e perante a dor. Mas a mim aquilo parecia-me vazio, absurdo. A fé, pelo contrário, permite abrir-se a outra vida e dar sentido à presente. É um remédio de valor incalculável”.

O sacerdote australiano tem grandes esperanças no futuro do seu país: “Austrália é um lugar tranquilo, onde se ama a liberdade e não há preconceitos. É, portanto, um terreno aberto à verdade de Deus, perfeito para difundir a fé. Estou a rezar para que a próxima Jornada Mundial da Juventude seja um momento de renovação espiritual para muitos jovens”.

Adilson Martini (Brasil):
“Continuarei a encarregar-me da qualidade da construção civil ... de vidas felizes”

Adilson Martin (São Paulo, 1969) trabalhou como engenheiro em Curitiba e Porto Alegre. Antes de estudar Teologia para ser sacerdote no Opus Dei, colaborou na construção dum estádio de Futebol, de vários túneis, dum circuito para corridas de automóveis, e de uma refinaria de petróleo, entre outros.

Eu estava encarregado da qualidade da construção. Devia certificar-me que tudo se fazia correctamente, seguindo os parâmetros de segurança e de eficácia previstos". Na sua vida profissional, já pertencia ao Opus Dei "De São Josemaria aprendi a tentar tratar bem os outros. Quando estás à frente duma equipe de operários e é preciso corrigir o seu trabalho, às vezes não é fácil ser amável. Tens que lhes dizer o que está mal e o que têm de melhorar. Isso pode se dizer a gritar ou com paciência e um sorriso".

Agora a sua vida deu uma reviravolta importante. “sou sacerdote para servir a Igreja e a Obra. Encarregar-me-ei de administrar sacramentos, de levar a direcção espiritual de pessoas, de dar catequese, etc. Terei que acompanhar a gente a encontrar-se com Deus. Por isso, gosto de imaginar que continuarei a encarregar-me da qualidade na construção... de vidas felizes”.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/quatro-testemunhos-dos-novos-sacerdotes/>
(19/01/2026)